

Marcas da resistência em *A maldição do AI-5*

Marks of resistance in *A maldição do AI-5*

Alberto Ricardo Pessoa
Adson Matheus Lucas Siqueira
Isaac Newton Dantas da Costa Luz

Resumo: A obra *A maldição do AI-5* de Julio Shimamoto apresenta as ameaças e as supressões dos direitos humanos ao longo da ditadura militar que comandou o Brasil de 1964 a 1985. O objetivo do artigo é refletir acerca das marcas da resistência na obra de terror *A Maldição do AI-5*, realizada em parceria com os escritores Nani e Reinaldo, publicada no encarte *O Pingente*, do jornal *O Pasquim*. A análise é feita a partir do processo criativo do artista, do contexto histórico, dos depoimentos de Shimamoto e da análise quadro a quadro da obra. Conclui-se que a narrativa denuncia a violação dos direitos humanos e revela a importância das liberdades civis seja qual for o regime democrático.

Palavras-chave: Paisagem do Medo; Fantástico; Julio Shimamoto; História em Quadrinhos.

Abstract: Julio Shimamoto's work *A maldição do AI-5* (*The curse of AI-5*) presents the threats and suppressions of human rights throughout

Alberto Ricardo Pessoa. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente Permanente do Programa de Pós Graduação Associado em Artes Visuais UFPB|UFPE. E-mail: albertoricardopessoa@gmail.com)

Adson Matheus Lucas Siqueira. Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: amls@academico.ufpb.br)

Isaac Newton Dantas da Costa Luz. Mestrando em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação Associado UFPB|UFPE. E-mail: isaacnluz@gmail.com)

the military dictatorship that ruled Brazil from 1964 to 1985. The objective of the article is to reflect on the marks of resistance in the work of horror *A maldição do AI-5*, produced in partnership with writers Nani and Reinaldo published in the booklet *O Pingente*, part of the newspaper *O Pasquim*. The analysis is based on the artist's creative process, the historical context, Shimamoto's testimonies and a frame-by-frame analysis of the work. It is concluded that the narrative denounces the violation of human rights and reveals the importance of civil liberties whatever the democratic regime.

Keywords: Landscape of Fear; Fantastic; Julio Shimamoto; Comics

Introdução

O presente artigo reflete acerca de um período histórico do qual o artista Julio Shimamoto apresentou uma série de histórias de posicionamento político e de resistência ao autoritarismo social. Entre 1978 e 1982, em plena ditadura militar, o quadrinista produziu, dentre outros quadrinhos, uma história curta de [02] duas páginas intitulada *A Maldição do AI-5* em parceria com os roteiristas Nani (Ernani Diniz Lucas) e Reinaldo.

Apesar de ser uma história breve, a obra é um manifesto de repúdio à ditadura militar e suas ações políticas e sociais de sufocamento da livre expressão, em que narra a história de Cláudio, jornalista que investiga possíveis articulações políticas com forças ocultas no intuito de institucionalizar o medo e terror em um Brasil imaginário.

O gênero escolhido para ambientar a história foi o terror cômico, um tipo de narrativa que apresenta as marcas do insólito e fantástico para gerar o efeito do riso. A paisagem do medo em *A Maldição do AI-5* é um elemento irônico, que por meio do grotesco e abjeto, propõe o humor ao seu leitor como pano de fundo para crítica social frente à ditadura militar. Segundo Tihanov (2012) o riso, como um produto do corpo,

gera valores culturais (ex.: audácia do pensamento da inevitabilidade da morte) enquanto ainda preserva sua identidade fisiológica.

Shimamoto conhece o terror de ofício e de experiência sofrida em seu cotidiano. Juntamente com mestres como Flavio Colin, Eugênio Colonnese, Jayme Cortez, Nico Rosso e Rodolfo Zalla, se coloca como um dos expoentes dos quadrinhos de terror brasileiro, explorando técnicas como chiaroscuro, anatomia expressiva, composições de cena com maior dramaticidade e experimentações de materiais como: o uso do papel preto e tinta branca, papel térmico e ponta seca adaptada em solda quente dentre outras possibilidades artísticas.

Shimamoto enfrentou a experiência do terror ao ser preso e mantido na OBAN (Operação Bandeirante) e DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em 1969, acusado de ser benfeitor de atores ligados à teoria da conspiração com ênfase na ascensão de um regime comunista.

O terror psicológico, que Shimamoto passou, teve consequências que o marcam até hoje, aos 82 anos, tais como síndrome de perseguição e de ter que reconstruir a vida pessoal em outra cidade para se afastar do cenário opressor do qual viveu. Assim, o artigo se justifica devido à importância do artista a ser analisado, mas principalmente por compreender, no campo de estudos das histórias em quadrinhos, como este período da história brasileira interferiu nesta área artística e criativa.

I. Supressão dos direitos humanos como instrumento de controle durante a ditadura militar

Durante a ditadura militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985, o regime autoritário que governou o país utilizou de várias formas de violência e repressão para silenciar a oposição e controlar a sociedade como, por exemplo, a cassação de mandatos políticos e a perseguição de militantes de esquerda e movimentos sociais.

Segundo o historiador Daniel Aarão Reis Filho (2021), o regime militar foi um “sistema político autoritário que negou as liberdades públicas e individuais, adotou políticas de repressão violenta, torturou e matou seus opositores e deixou um legado de autoritarismo e impunidade”. Uma das formas mais violentas de supressão dos direitos humanos foi o uso da tortura, prática comum nos porões da ditadura. Presos políticos e suspeitos de oposição eram frequentemente torturados pelos agentes do regime. Métodos como choques elétricos, afogamentos, cócegas, queimaduras, espancamentos e outros tipos de violência eram comuns nos interrogatórios.

O sociólogo Florestan Fernandes (1986, 1987) também destacou que a ditadura utilizou a tortura como um instrumento de terrorismo de Estado. Segundo ele, a violência não era apenas física, mas também psicológica, já que o regime buscava desumanizar os opositores e fazê-los sentir-se impotentes diante da opressão.

A supressão dos direitos humanos também afetou a liberdade de expressão e a imprensa, que foram fortemente controladas pelo regime. Segundo o jornalista Elio Gaspari (2002) em sua obra *A Ditadura Envergonhada*, a censura foi uma das marcas mais evidentes da ditadura militar, que controlou os meios de comunicação e limitou a divulgação de informações e ideias que fossem contrárias aos interesses do governo. Além disso, obras literárias, artísticas e cinematográficas também eram censuradas, impedindo a liberdade de expressão e de criação.

As pessoas eram consideradas suspeitas e a vigilância em ruas e locais públicos era constante. Alguns grupos de pessoas que desafiaram o governo, como o movimento negro, eram atacados de forma direta e sistemática. Assim, a ditadura militar no Brasil foi marcada pelo desrespeito aos direitos humanos e um processo autoritário que buscava controlar a sociedade a qualquer custo.

A falta de justiça e reparação para as vítimas da ditadura militar também é uma ferida aberta na sociedade brasileira, como destaca a filó-

sofa Marilena Chauí em sua obra *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. A autora afirma que a impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura perpetua a violência e a repressão, e compromete a construção de uma sociedade democrática e justa. É possível afirmar que a ditadura militar no Brasil foi um período de grande retrocesso para os direitos humanos e para a democracia, que ainda reflete nas estruturas sociais e políticas do país nos dias de hoje.

2. Fundamentação analítica

A *Maldição do AI-5* apresenta em seu discurso marcas do autoritarismo no cotidiano brasileiro da época da ditadura militar, por meio de representações do terror e propõe, através do humor, debater com o leitor acerca do medo.

O ambiente criado para tal diálogo é uma paisagem grotesca, sobrenatural e insólita. Este espaço é baseado em elementos do senso comum atrelado ao arcabouço de cada ator social que se dispõe a ler a história.

Em consonância com esta caracterização insólita os autores inserem, por meio do humor, elementos reais de interesse social presente naquele cotidiano de repressão ditatorial. O humor acaba por apresentar a realidade de maneira insólita, tão absurda quanto o terror ficcional.

Parte da esfera dominante no caso d'*A Maldição do AI-5* é a ditadura militar e tem como premissa suprimir qualquer ato de subversão ao pensamento ditatorial da época. De acordo com Shimamoto:

Minha geração viveu o horror dos crimes da Guerra Fria que ensanguentou a América Latina. E só no Brasil os opressores não foram punidos, lamentavelmente. Na Argentina, quase todos da família inteira de Hector Osterheld, genial roteirista de quadrinhos, foram dizimados: algumas de suas filhas foram jogadas vivas de um helicóptero militar sobre um rio (SHIMAMOTO, 2021, n.p.).

Como resposta a esse sistema ditatorial, a sociedade organizou movimentos de resistência através da emancipação discursiva como a arte conceitual. Novas vozes sociais oriundas da contracultura, a formação de novas frentes intelectuais como os pós estruturalistas, debates acerca da questão de gênero e espaço de fala dentre outros pontos de oposição à ditadura militar.

O governo militar também atuou na repressão enquanto esfera econômica. Editoras que publicavam quadrinhos em reprodução gráfica de massa recebiam subsídios em insumos como papel e tinta gráfica. Além disso, tinham preferência e compras garantidas de boa porcentagem de suas publicações e distribuição em escolas e instituições governamentais, desde que fossem submissas ao escopo de temas de interesse ao governo e boicote aos profissionais que os criticam.

Coube aos quadrinistas marginais, pequenas editoras e autores comerciais capazes de colocar a própria carreira em risco e produzir histórias e publicações de resistência à ditadura militar. Segundo depoimento de Julio Shimamoto:

A censura draconiana afetou os quadrinhos, a literatura, o cinema, a música, o teatro, as artes plásticas, a educação, caro autor! A nossa geração da pré-ditadura era criativa e privilegiada: tinha ganho duas Copas de futebol com Pelé e Garrincha, admiração mundial para a arquitetura de Oscar Niemeyer, ganhou Palma de Ouro com o filme “Pagador de Promessas”, o cineasta Glauber Rocha era premiado em diversos festivais de cinema europeus, Maria Ester Bueno campeã de tênis seguidas vezes em Wimbledon, Eder Jofre campeão mundial dos galos, Bossa Nova de Sérgio Mendes, Tom Jobim e João Gilberto arrebatou os EUA, João do Pulo: ouro olímpico em salto triplo, os físicos nucleares Mario Schenberg e Cesar Lattes são admirados mundialmente, sem falar no economista Celso Furtado, antropólogo Darcy Ribeiro e o educador Paulo Freire, etc... A Ditadura mediocriza o país (SHIMAMOTO, 2021, n.p.).

Deste escopo de quadrinhos de resistência ao autoritarismo e posicionamento, enquanto espaço de fala e crítica, podemos destacar os

quadrinhos independentes da revista *Balão*, realizada na Universidade de São Paulo; autores como Laerte Coutinho; a participação da cartunista e quadrinista Conceição Cahú em jornais de circulação nacional e, ao mesmo tempo, em periódicos feministas; os catecismos de Carlos Zéfiro, que com a pornografia debatia tabus e sexualidades em tempos de repressão ditatorial; publicações mais populares com viés de confronto intelectual e ideológico como *O Pasquim*, de Ziraldo, Nani, Reinaldo, entre outros; por fim as histórias em quadrinhos de terror nacionais de Julio Shimamoto e Flavio Colin que ganharam autonomia de discurso após a censura e escassez de material importado e com a luta pela nacionalização dos quadrinhos.

O Pasquim sofreu diversas represálias que vão desde censura de entrevistas, imagens, cartuns e quadrinhos até a prisão de toda a redação do jornal. Os quadrinhos de terror brasileiro não apresentaram casos significativos de censura, provavelmente por terem sido subestimados pelos censores da época, imbuídos do senso comum de que quadrinhos são revistas para crianças e que não contêm discurso subversivo. Shimamoto sofreu com a ditadura militar, mas por outra razão diferente das histórias em quadrinhos:

Quando me prenderam em 1970 na Ditadura MÉDICI, fui acusado de apoio logístico ao terror devido ao meu nome constar na lista de contribuintes em dinheiro para ajudar o nosso patrão Henrique Knapp que estava refugiado na Itália. Antes, a namorada dele se envolveu num assalto a um banco japonês Banco América do Sul no bairro da Penha (SP). Ela fazia parte do grupo terrorista ligado a Carlos Marighella. Nesse assalto, morreu um vigia do banco e um terrorista acabou baleado na cabeça e foi levado até a casa de Knapp. Precisando urgentemente de sangue para uma transfusão, Knapp levou os terroristas até um Banco de Sangue em sua Mercedes. Comprometido, virou fugitivo também. A coleta das vaquinhas foi para ajudá-lo, pois estava na Itália sem recursos (SHIMAMOTO, 2021, n.p.).

Da união do insólito do terror com a crítica social e confronto a uma ditadura que buscava alienar o povo brasileiro, surge uma história em quadrinhos de terror humorística como *A Maldição do AI-5*.

As histórias em quadrinhos são um campo de saber legitimado no que se refere aos modos de narrar o passado e que podem dialogar de forma mais maleável e interativa no ato de lidar com a memória, a partir da apresentação de ideias e não de objetos. Lidar com a memória e os acontecimentos históricos por meio da arte é uma forma de aprendizagem histórica afetiva, com uma linguagem própria e lúdica para tratar de temas difíceis como as experiências pesadas de danos, guerras, ditaduras e terrorismo.

Através da vivência conectada ao contexto histórico, Shimamoto permite que suas percepções apareçam em sua obra na forma do inóspito, do terror, das figuras que evocam o sinistro e o sobrenatural, sendo uma maneira de lidar com a memória e o sentimento vivido. Assim, o ato de contar histórias em quadrinhos é a ponte através da qual buscamos soluções para os problemas que enfrentamos no cotidiano.

3. Análise da história em quadrinhos *A Maldição do AI-5*

Julio Shimamoto inicia a história com um narrador calvo, com cabelos desgrenhados, idoso e com um corpo cadavérico. Ele conversa com o leitor e o conectivo entre personagem e texto, o balão de texto não é convencional. Ele desenha as linhas como se estivessem derretendo, e simula uma voz sombria e insólita. O personagem introduz o leitor para a história do terror, advertindo a todos nós o que iremos presenciar se continuarmos com a leitura do quadrinho. O letreiro *A Maldição do AI-5* emula uma textura de sangue e poluída, e reforça a mensagem que estamos diante de uma história de terror.

Os autores buscaram apresentar a história em quadrinhos intencionalmente como uma estrutura fechada de criação de uma história em quadrinhos de terror. Assim, Julio Shimamoto emula traços dos ilus-

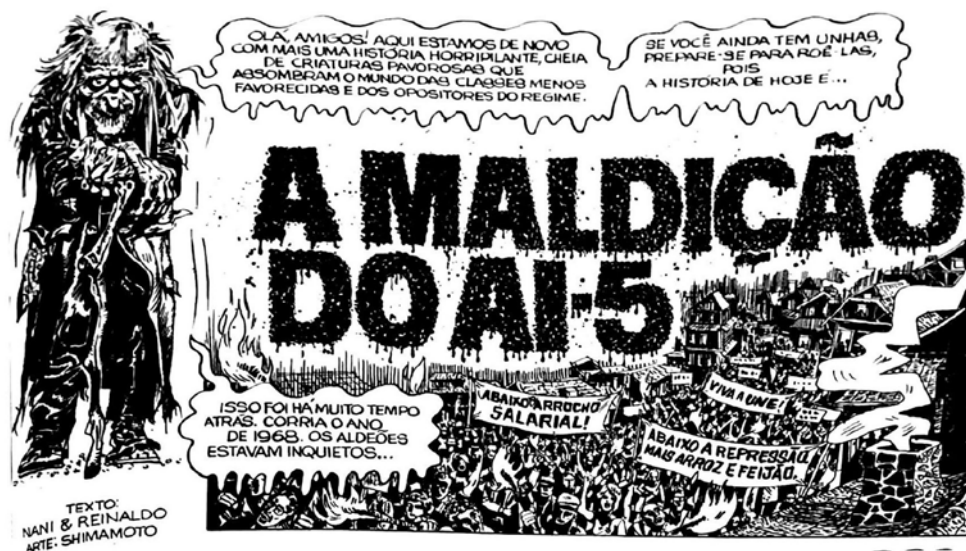
tradutores da *EC Comics*, à base de traços em nanquim e bico de pena, com grande volume de hachuras, quadros redimensionados para simular um tamanho proporcional aos das tiras de jornais.

Tanto no discurso verbal quanto não verbal temos a estrutura bem definida ao leitor. Dentre os signos gráficos temos morcegos, criaturas grotescas, um jornalista investigativo semelhante ao Edgar Allan Poe, o cocheiro apavorado, trovões, cientista louco e um narrador fantasmagórico. O discurso verbal também é preenchido com jargões clássicos do terror, tais como “se você tem unhas prepare-se para roê-las”.

Se em um primeiro momento esta descrição se apresenta como um pastiche de uma história de terror e, conseqüentemente abre o pensamento para uma não criação em *A Maldição do AI-5*, é justamente esta estratégia que é o ponto de inovação e criação dos autores, que, por meio de uma estrutura conhecida do terror comum, se propõe, como um pano de fundo, para distrair o grupo de leitores idealizados ao dogma autoritário e assim conseguir publicar, sem qualquer tipo de censura, um manifesto de resistência à ditadura.

Todos os textos, sejam verbais e não verbais, são permeados de complementos dos quais fazem com que esta história deixe de ter apenas uma função de entretenimento e que estabeleça uma relação de pertença e empatia com aquele que sofreu com o autoritarismo ditatorial. Há alguns elementos de conexão à crítica política autoritária. A primeira é a ambientação da história. Apesar de ter elementos do séc. XIX, como carruagens, o ano da história é 1968, ano em que foi instituído o AI-5.

O medo, além de eixo norteador, é exposto na obra dialogando com outras sensações humanas, como a ira, vaidade e com efeitos que estimulam sensações como o grotesco e o abjeto. As ações autoritárias visam anular o povo, por meio do medo e da angústia, elementos intrínsecos e que são usados pela ditadura para oprimir opositores e para legitimar as próprias ações. A ditadura não é embasada apenas por atores estatais, mas por uma sociedade tomada perante o caos.



A história é apresentada como se fosse um documentário, semelhante aos programas jornalísticos de televisão, mas com uma representação gráfica diferente do que temos em nosso senso comum. Ao invés de um/uma jornalista jovem vestido com roupa social temos um ser decrepito e grotesco narrando o quadrinho.

Este recurso foi bastante utilizado nos comics americanos de terror publicados na editora *EC Comics*, com o intuito de gerar no leitor a ambientação do terror associada ao riso involuntário. Aqui nós temos um pastiche dessa tradição do comics de terror americano com a mesma percepção: a de criar o riso involuntário por meio do terror.

Como podemos observar na imagem 01, a população se aglomera e levanta uma faixa com reclamações coletivas como “Abaixo arrocho salarial” e “Abaixo a repressão, mais arroz e feijão”. Há uma faixa que destoa do medo coletivo, com a inscrição “Viva UNE!” Essa inscrição possui um ponto de reflexão que é a construção da esperança inata do ser humano a partir da escassez e do caos. A fé, a crença, a necessidade de acreditar em algo que possa melhorar ou mudar a própria condição de existência é oriunda dos tempos mais remotos da sociedade.

A mobilização coletiva contra a opressão por meio do protesto e ao mesmo tempo no olhar da esperança faz parte da relação do real, simbólico e imaginário, elementos da reconstrução do ser humano perante o medo.

Em contrapartida, o Estado e seus agentes opressores pensam em estratégias para acabar com o lampejo da esperança da sociedade e reforçar a repressão por meio do terror, que em definição, são atos de ataque à sociedade e às instituições executadas por grupos marginais.

A *Maldição do AI-5* é embasada no conceito de Distopia, uma tradição literária que procura produzir, resgatar seus elementos e reconfigurar. A imagem 02 aborda este conceito ao apresentar seres guturais conspirando e realizando atos terroristas sem medir as consequências sociais desta ação. É única e exclusivamente para incriminar um grupo que luta contra a ditadura. O autoritarismo se relaciona com o conceito de utopia e distopia, uma vez que a utopia apresenta uma história literária como uma tentativa de ideário político, ou ainda, um mundo terreno em uma proposta religiosa. A distopia apresenta respostas e esclarecimento da hipocrisia acerca de um elemento utópico.

Assim, agentes estatais emulam atos terroristas como observamos no diálogo do quadrinho: “Precisamos fazer alguma coisa. Por exemplo, explodir o gásômetro e botar a culpa nos vermelhos...”. Aqui os autores realizam uma alusão ao caso Para-Sar, que segundo Maia (2009) foi um evento com tantas contradições que acaba por se perder na memória e espaço tempo da história da ditadura militar no Brasil.

Imagem 02: Shimamoto (2019)



A história apresenta um personagem fundamental que é o jornalista Cláudio, um indivíduo cético das acusações de medo e terror causadas pelo Estado, tratadas pelos roteiristas Reinaldo e Nani como “forças ocultas e poderosas”. O personagem possui um estilo gráfico que remete ao escritor Edgar Allan Poe, retratado outrora por Shimamoto em *O estranho caso de Valdemar* para a editora Bloch. Na imagem 03, no quinto quadro, há um balão de pensamento peculiar do jornalista: “Que nada! Mulas sem cabeça, vampiros, almas de outro mundo, atos institucionais, isto tudo não existe!”

Imagem 03: Shimamoto (2019)



Na imagem 03, Júlio Shimamoto faz uma menção aos filmes de terror, desenhando uma sequência narrativa que remete aos clássicos de terror, em que aparecem uma carruagem parada relativamente longe de um castelo mal-assombrado e Cláudio tendo que continuar o trajeto a pé.

Nani e Reinaldo incluem elementos do real no fantástico atribuído ao gênero terror. Eles agregam palavras a diálogos convencionais no terror, como na placa com a palavra “Planalto” ao indicar o castelo mal-assombrado, e no aviso do cocheiro “O palácio está amaldiçoado! Não se aproxime se tem amor aos seus direitos civis!”.

Shimamoto utiliza do grotesco, expressionismo para dramatizar as cenas. Segundo Araújo (2014), o horror é uma forma que o ser humano lida com os terrores da vida cotidiana. Há uma busca de angulações e

enquadramentos que fogem do lugar comum, que propõe ao leitor uma leitura desconfortável, que o tire da condição de um leitor convencional, mas crítico. Em relação aos enquadramentos escolhidos, Shimamoto (2021) afirma:

Nos exemplos que me enviou, caro autor, repare que o foco está na boca escancarada. Jogar a cabeça para trás com as mãos para a frente, caro autor, é um gesto instintivo de autodefesa. E se desenharmos essa cena vista mais de baixo dramatizamos essa condição. Quando estive preso na Oban pela ditadura, eu e meus colegas de cela não conseguimos dormir devido aos gritos que ouvíamos noite adentro de presos sendo torturados. Das mulheres, eram mais estridentes e cortantes. Oban era centro de repressão do Exército, dirigido pelo herói de Bolsonaro, Cel. Brilhante Ustra, sádico torturador. Depois fomos transferidos para o DOPS. Ali não ouvíamos gritos, devido às torturas acontecerem nos porões do velho edifício, e com bocas amordaçadas (SHIMAMOTO, 2021, n.p.).

A partir do oitavo quadro, imagem 04, os diálogos e personagens passam a ser ainda mais incisivos em relação às críticas ditatoriais, como podemos ver nesta narração presente no requadro: “Cláudio se aproximou do palácio. Soprava o vento quente de dezembro e seu coração batia forte como um cassetete”.

Imagem 04: Shimamoto (2019)



Outro personagem que complementa a trama é o professor Gama, caracterizado como um ser “horrrível, hediondo, vil, malévolo e ignominioso”, ou seja, a personificação do mal. Este cientista é o responsável por escrever uma fórmula da qual irá propiciar aos agentes estatais a possibilidade de “espalhar o medo e o pânico, desrespeitando os mais comezinhos direitos individuais”.

Imagem 05: Shimamoto (2019)



A caricatura é relacionada a Luís Antônio Gama e Silva, ministro da Justiça durante o governo Costa e Silva e redator do *AI-5*. *In memoriam*, Monteiro (1979), colega do ministro na Universidade de São Paulo, comenta as críticas em relação ao ex-reitor da USP em seu texto de oratória póstuma ao falecimento de Gama e Silva.

Shimamoto caracteriza os conspiradores como seres grotescos e com anatomias expressivas que remetem ao Nazismo. O próprio diálogo do Professor Gama reforça o discurso ao alegar: “se tivessem aceito meus préstimos o Reich não cairia”.

O quadro 14, imagem 06, apresenta o ápice da história que é a apresentação em um papiro do texto do *AI-5*, que é, nesta história de terror e na história da sociedade brasileira, uma mancha no que se refere ao direito às liberdades civis. O texto do requadro reforça o trágico conteúdo do *AI-5*: “Depois de laboriosos estudos, o terrível Prof. Gama logrou alcançar a fórmula que nos permitirá espalhar o medo e o pânico, des-

respeitando os mais comezinhos direitos individuais e ameaçar a segurança do cidadão, garantindo assim privilégios aos privilegiados!”.

Por se tratar de um artigo de resistência e de acordo com os pensamentos de Shimamoto, Nani e Reinaldo, optou-se por colocar aqui uma reflexão de Monteiro (1979) que, apesar de entender como uma argumentação equivocada, é um importante registro histórico para compreendermos o pensamento daqueles que, se não eram autoritaristas na execução das ações, foram omissos e coniventes em relação às consequências do que aconteceu às diversas pessoas que morreram e famílias que até os dias de hoje não têm notícias de seus entes queridos desaparecidos na época da ditadura militar.

Neste ponto da história temos o elemento do trágico em que o indivíduo, no caso Cláudio, tem o momento ímpar de compreensão do qual o insólito e abjeto se tornam reais e ele tem a certeza de que o fim chegou, naquele momento, espaço e tempo, não apenas para ele, mas para os seus amigos, parentes e comunidade.

Imagem 06: Shimamoto (2019)



Pessoas torturadas, censura midiática, sequestro de pessoas, dentre outras práticas que Cláudio acreditava que eram elementos do imaginário, ao se tornar real e trágico e com a certeza da ruína, acomete ao jornalista a síndrome do pânico e que faz com que instintivamente ele corra e fuja daquele local.

A crítica explícita ao Ato Institucional 5, apresentada como uma alegoria, como um plano do mal. Com uma figura sinistra e raios ao fundo reforça, por meio do humor e do grotesco, a crítica não só ao AI-5 em si, mas por todo um período de autoritarismo violento que o Brasil passou e que em sua contemporaneidade ainda carrega práticas autoritárias, mesmo se tratando de uma democracia constitucional.

Assim como o protagonista de *A Maldição do AI-5*, a repressão ditatorial afetou o artista Julio Shimamoto, que assim como tantos outros inocentes passaram do dia para noite a serem acusados pelo Estado de cometerem crimes de lesa pátria. O cárcere, humilhação e desdém desses atores trouxeram sequelas e traumas para Shimamoto (2021):

(...) estava na publicidade, no setor de criação, como diretor de arte, caro autor. Senti-me bastante vulnerável psicologicamente, eu que sempre me achava um tanto destemido, concluí que um fator externo incontrolável pode reduzi-lo a uma barata, como naquele conto “Metamorfosis” de Franz Kafka. Via-me seguido e vigiado por todos os cantos, nas ruas, nos restaurantes. Decidi sair de S. Paulo, e vim para o Rio na primeira oportunidade, ainda como publicitário. Tornei-me um antifascista empedernido, e odeio profundamente o autoritarismo, seja de esquerda ou da direita. Essa condição pode ter afetado meus desenhos (SHIMAMOTO, 2021, n.p.).

Esta sensação do trágico pode, em escala coletiva, estimular a volta da ditadura. A sensação coletiva da quebra dos pactos sociais, a iminência do fim, da morte em decorrência do colapso das garantias básicas de sobrevivência, do descontrole, deflagração de uma guerra civil, podem fazer com que, em nome do medo, aceitem abrir mão das liberdades

civis, das garantias mínimas de sobrevivência e não do ato de viver e se expressar. A sociedade em nome do pânico, ao invés de fugir do insólito, acata um evento como um estado de sítio, como o AI-5.

4. *A Maldição do AI-5* como história, memória e denúncia

A obra *A Maldição do AI-5*, de Julio Shimamoto, explora de forma ficcional as consequências sofridas no período da ditadura militar brasileira, mostrando como a violência e a repressão afetaram a vida de indivíduos comuns, que muitas vezes eram presos e torturados simplesmente por expressar suas opiniões contrárias ao governo. A história também destaca a repressão contra a liberdade de expressão e os movimentos estudantis e trabalhistas, que eram vistos como ameaças à estabilidade do regime.

Durante a obra, vemos personagens perseguidos por publicarem informações que desagradam ao regime, tendo seus livros e jornais censurados. *A Maldição do AI-5* retrata a censura como uma ferramenta do governo para manter a população na ignorância e sob controle.

A obra também aborda a questão da impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura. Muitos agentes do Estado responsáveis por violações aos direitos humanos nunca foram punidos pelos seus atos, o que gerou um clima de impunidade e perpetuou a violência e a repressão. A história mostra como a falta de justiça e reparação para as vítimas da ditadura é uma ferida aberta na sociedade brasileira, que ainda busca a verdade e a justiça.

Por fim, é possível afirmar que *A Maldição do AI-5* de Julio Shimamoto é uma importante representação dos efeitos da supressão aos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil. Através da história de Cláudio, a obra ilustra a repressão, a violência e o medo que marcaram o período, bem como as aterrorizantes consequências para a sociedade brasileira.

Considerações finais

A história de *A Maldição do AI-5* utiliza a consciência do mal sobrenatural, do qual é possível fazer uma leitura, em um primeiro momento, de um mundo fantasmagórico mediado pela sensação da angústia, em que as coisas se tornam piores, com uma paisagem do ambiente cada vez mais deteriorada em termos sociais como a crise ecológica, tensão racial, fome mundial e relaciona este medo do desconhecido para reforçar, neste caso, o medo do real, do discurso autoritário.

O processo criativo de Shimamoto é mediado por diálogos e interações múltiplas, ou ainda por meio de correspondências ativas e passivas em nome de um lugar comum. O abstracionismo em seus desenhos é alienante no sentido que o mesmo não possui compromisso em explicar qualquer coisa que faça algum sentido. É o acaso puro do qual o artista se propõe.

Em uma sociedade de criadores de conteúdo, o artista encontra no abstrato uma verdade inconveniente: a de que a não comunicação, o acaso e a falta de conteúdo refratam nos maiores medos urbanos do ser humano. O medo é uma emoção, um alerta da natureza humana da qual o indivíduo avalia a situação e estabelece estratégias com o intuito de preservar a própria existência. Em um campo coletivo, essa emoção é tomada por problemas compartilhados em sociedade, geralmente relacionados à falta de valores abstratos como a economia, fé ou prazer.

Shimamoto busca nos quadrinhos a pesquisa do expressionismo. Nos elementos dos quadrinhos, tais como desenho, gestual, anatomia expressiva, narrativas, conectivos de balão de texto, letras são questões complementares para encontrar a sua poética visual.

As marcas de abstracionismo presentes na arte de Shimamoto não possuem acordos sociais com a beleza, forma e composição, somente oferecendo ao seu leitor um estado de entropia, o que torna um processo de

criação desafiador para o artista e para recepção dos leitores na contemplação desta obra. Não à toa, os elementos de comunicação presentes em suas histórias em quadrinhos transformam o local hermético das marcas abstratas em elementos complementares de diálogo com o leitor.

Os quadrinhos, por meio dos estereótipos, representam o ser humano em sua completude, no caso de *A Maldição do AI-5*, da capacidade humana de humilhar e ser humilhado, de envergonhar e ser envergonhado, capacidade de sentir culpa e remorso.

A história em quadrinhos deixa de ser uma entidade fechada, equipada de uma estrutura definida, tanto no discurso verbal como não verbal, para ser um manifesto pluralista do qual não irá atingir o público por um único centro. O uso da crítica social, da relação do real com o fantástico do terror e do posicionamento ideológico dos autores torna *A Maldição do AI-5* uma obra com uma cadeia de relações que subverte a estrutura de uma história em quadrinhos de terror de mero entretenimento para um manifesto de resistência.

Referências

ARAÚJO, Rafael. *A Experiência do Horror: Arte, Pensamento e Política*. São Paulo: Almeida, 2014.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERNANDES, Florestan. *Nova república?* 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAIA, Maria Manuela Alves. O “Caso Para-Sar” como fenômeno de desestabilização da memória. Artigo publicado em *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*. Fortaleza: 2009.

MONTEIRO, W.B. In Memoriam: Luís Antônio Gama e Silva. Oração publicada em *Revista da Faculdade de Direito da USP*. <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66887/69497> São Paulo. Acesso em 26/06/2021.

NANI, REINALDO, SHIMAMOTO, J. A maldição do AI – 5. In: *O Ditador Frankenstein e outras histórias de terror, tortura e milicos*. Goiânia: MMar-te, 2019.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SHIMAMOTO, J. *Depoimento cedido a Alberto Ricardo Pessoa*. João Pessoa: 2021. No prelo.

TIHANOV, Galin. A importância do grotesco. *Bakhtiniana*, n. 7. p. 166-180. São Paulo: 2012.